

# Tradicional e rebelde: o bordado e a arte têxtil nas visualidades das marchas do 8M em Brasília e em Santiago do Chile

## Traditional and rebellious: embroidery and textile art in the visualities of the 8M marches in Brasília and Santiago do Chile

**Luciana Ceschin<sup>1</sup>**

<http://lattes.cnpq.br/1694516457256148>  
<https://orcid.org/0000-0001-6279-9485>  
luceschin@gmail.com

**Virgínia Tiradentes Souto<sup>2</sup>**

<http://lattes.cnpq.br/1113356615802141>  
<https://orcid.org/0000-0001-7576-2876>  
v.tiradentes@gmail.com

1. Docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília e doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais (PPGAV), da Universidade de Brasília (UnB).

2. Docente do Programa de Pós-graduação em Design do Instituto de Artes da Universidade de Brasília (UnB).



**Resumo:** Este ensaio se baseia na pesquisa em desenvolvimento no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade de Brasília, que investiga a estética e as visualidades em protestos e marchas organizadas por mulheres, sendo comparadas três manifestações feministas do 8M realizadas em Brasília (2020, 2023) e Santiago do Chile (2022). A partir da ideia de montagem, desenvolvida por Aby Warburg (2015), esta coleção de fotografias foi submetida a ordenações diversas, provocando relações entre as imagens, a fim de traçar itinerários que pudessem dar início à narrativa sobre as visualidades de mulheres em protestos. Neste ensaio, abordamos especificamente o repertório visual que utilizam técnicas têxteis em bandeiras e faixas, entre outras visualidades, como forma de expressão.

**Palavras-chave:** 8M, visualidades, arte têxtil, movimento feminista, fotografia.

**Abstract:** *This essay is based on ongoing research within the scope of the Postgraduate Program in Visual Arts at the University of Brasília, which investigates aesthetics and visualities in protests and marches organized by women. Three feminist manifestations of March 8th in Brasília (2020, 2023) and Santiago, Chile (2022) are compared. Drawing upon the concept of montage developed by Aby Warburg (2015), this collection of photographs made various arrangements, creating connections between the images in order to trace itineraries that could initiate a narrative about the visualities of women in protests. In this essay, we specifically address the visual repertoire that uses textile techniques in flags, banners, and embroidery, among other visual expressions.*

**Keywords:** 8M, visualities, textile art, feminist movement, photography

Os movimentos feministas no Brasil e na América Latina demonstram em seus protestos e marchas o uso de uma linguagem política distintiva, especialmente expressa através do visual. Essas visualidades transmitem não apenas as mensagens de diferentes grupos e indivíduos, formam um “repertório de ação coletiva” (Tilly, 2008) que demonstra uma “vontade de forma” (García-Canclini, 2012), na qual a criação visual é, inclusive, um meio de organizar a comunidade e de compartilhar afetos.

Este ensaio se baseia na pesquisa em desenvolvimento no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade de Brasília, que investiga a estética e as visualidades em protestos e marchas organizadas por mulheres.

As fotografias foram realizadas durante os eventos do Dia Internacional da Mulher (8M) ocorridos em Brasília em 2020 e 2023, e em Santiago do Chile, em 2022, com o propósito de registrar representações visuais elaboradas de maneira coletiva e individual. No caso específico dos retratos das manifestantes, o ato de fotografar exige que haja a aproximação e interceptação durante o percurso, interrompendo brevemente sua marcha. Nesse momento, é feita a pergunta sobre a permissão para fotografar e, geralmente, recebemos um olhar, um aceno de cabeça ou uma resposta vocal positiva, frequentemente acompanhados de uma pose para a fotografia. É habitual as pessoas se posicionarem para o registro, erguendo cartazes, desfraldando bandeiras e exibindo as representações visuais preparadas para o evento. Outros registros, no entanto, retratam as pessoas em movimento, interagindo umas com as outras.

Durante uma marcha, quem observa e fotografa oscila entre acompanhar o fluxo e se aproximar da multidão, além de, ocasionalmente, parar para assistir, da mesma maneira como faríamos com um desfile. Ficar em uma posição estratégica e imóvel pode ser uma opção, mas imergir na “massa”, juntamente com as participantes, embora resulte em registros fotográficos mais rápidos e, muitas vezes, impossibilite a captura do “todo”, permite uma visão individualizada e a percepção das interações. Estar no meio da multidão, seguir seu ritmo e seus movimentos, proporciona uma sensação de vivenciar e compartilhar as emoções em ação. No entanto, essa imersão na multidão e as análises subsequentes das visualidades não são aqui consideradas apenas de maneira pessoal, mas sim como evidências e descobertas, evitando romantização e reconhecendo que os fenômenos coletivos são motivados, possuem formas de interação e orientações específicas (Melucci, 2001).

A partir da ideia de montagem, desenvolvida por Aby Warburg (2015), esta coleção de fotografias foi submetida a ordenações diversas, provocando relações entre as imagens, a fim de traçar itinerários que pudessem dar início à narrativa sobre as visualidades de mulheres em protestos. A montagem, em nosso trabalho, permitiu construir narrativas e fluxos, demonstrando a singularidade dos eventos e, ao mesmo tempo, possibilitou observar as “heterocronias” dos elementos presentes, as formas como essas visualidades se conectam e separam de outras em diferentes movimentos históricos, ampliando os limites da imaginação e permitindo múltiplas combinações.

Neste ensaio, abordamos especificamente o uso de técnicas têxteis em bandeiras, faixas e bordados, entre outras visualidades, identificadas ao longo da pesquisa. Nos eventos que

acompanhamos, entre os cartazes de papelão, materiais gráficos produzidos por sindicatos e partidos políticos, as visualidades elaboradas através da costura e do bordado chamam a atenção de quem se aproxima. Nem sempre o que atrai o olhar é o tamanho, pois a maioria destas visualidades possui um trabalho minucioso realizado em dimensões pequenas, o que poderia demonstrar que não é uma preocupação da ativista que sua faixa, estandarte ou bandeira seja vista por quem passa na rua ou observa à distância. Talvez o importante seja o processo de elaboração em coletivos, estar em comunidade, apresentar a peça às próprias integrantes da marcha ou, quem sabe, o pequeno formato se expanda ao ser fotografada e disseminada nas redes sociais.

A presença da arte têxtil nos protestos que fizeram parte da pesquisa de campo não se trata, no entanto, de um fato isolado na história. Também em outros momentos é possível identificar a potência de reunião, de expressão e comunicação das artesanias sendo resgatadas como um fazer de rebeldia. As tricoteuses, como foram chamadas as mulheres que participaram de alguns processos que fizeram parte do que se chama de Revolução Francesa, receberam a alcunha de tricoteiras por realizarem, em grupos, o ato de tricotar assistindo às execuções ao lado da guilhotina ou durante os discursos nas tribunas. O apelido foi acompanhado de julgamentos a respeito da participação na vida política, mesmo enquanto observadoras. O movimento sufragista na Inglaterra, por sua vez, realizava suas marchas portando estandartes costurados e bordados à mão. Segundo Reckitt et al (2018), tanto o movimento sindical como as sufragistas tinham seus primeiros banners produzidos a partir de técnicas têxteis mas, com o tempo, o movimento sindical passou a utilizar artigos fabricados em série, enquanto as sufragistas seguiram utilizando uso do bordado e da costura. No Chile, durante a ditadura militar de Augusto Pinochet, as arpilleras surgem como uma forma de arte feita com tecidos, lã, linhas e outros materiais, costurados à mão, produzidas por mulheres em oficinas lideradas por organizações sociais como forma de lidar com a indignação e também como resistência a esse período.

Em culturas patriarcais, a domesticação do tempo das mulheres é uma das formas de controle e, muitas vezes, as artesanias com fios, tecidos e agulhas é compreendida como parte de uma ideia de domesticidade “própria” do universo feminino, uma forma de arte adequada para mulheres, um saber ancestral, muitas vezes aprendidos com avós e mães, realizados nas rodas de convivência e amizade socialmente aceitas e permitidas. A arte têxtil se relaciona com o cuidado, que atravessa a vida das mulheres de diferentes maneiras e em diferentes fases da vida. Esse cuidado não é só afeto, é também trabalho e espoliação. Com o acesso à formação restrito a mulheres, muitas vezes o saber artesanal permite acessar alguma renda, pois é possível fazer um tricô, crochê ou bordado e não deixar o lar.

Entendemos que não há, no uso das técnicas têxteis em protestos protagonizados por mulheres, a romantização ou naturalização da domesticidade, como se fosse uma expressão da “essência feminina”. O saber-fazer é politizado, um conhecimento de resistência, união e formação política entre as mulheres. Os grupos de arte têxtil e bordados feministas promovem uma reversão ao utilizarem os conhecimentos tradicionais, reposicionando-os do espaço doméstico ao espaço público, historicamente inacessível e reivindicado pelas mulheres.

## Referências

OLIVEIRA, Diogo. Lambe-Lambe: à verticalização do baixo augusta. PhD Thesis, Universidade de São Paulo, 2015.

LAMBES BRASIL. LambesGóia, 2019. Disponível em: <<https://www.lambesbrasil.com.br/events-1/lambesgoia>>. Acesso em: 24 ago. 2022.

LAMBESGÓIA, Festival. “Entrevista @sagrestv @sistemasagres\_ com a presença do @lambida. preta @maosdeet e @disgr.amada [...]”. Instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/reel/ChCwcw4DnLg/>>. Acesso em: 25 ago. 2022.

POLLOCK, Griselda. Modernidad y espacios de la feminidad. In: \_\_\_\_\_. Visión y Diferencia: feminismo, feminidad e historias del arte. Buenos Aires: Fiordo, p. 112–163, 2013.









